



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA  
PORTUGUESA**

**LÍVIA APARECIDA PACHÊCO**

**UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO DISCURSIVO NAS OBRAS  
REGIONALISTAS *URUPÊS* DE MONTEIRO LOBATO E *AUTO DA  
COMPADECIDA* DE ARIANO SUASSUNA**

Picos - PI

2025

**LÍVIA APARECIDA PACHÊCO**

**UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO DISCURSIVO NAS OBRAS  
REGIONALISTAS *URUPÊS* DE MONTEIRO LOBATO E *AUTO DA  
COMPADECIDA* DE ARIANO SUASSUNA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras-Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (UFPI-CSHNB), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Aucelia Vieira Ramos

Picos, PI

2025

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**P116u**

Pachêco, Livia Aparecida.

Uma análise da construção do sujeito discursivo nas obras regionalistas Urupês de Monteiro Lobato e Auto da Compadecida de Ariano Suassuna / Livia Aparecida Pachêco – 2025.

31 f.

1 Arquivo em PDF.

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo, CSHNB. Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Curso de Licenciatura em Letras, Picos, 2025.

“Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Aucelia Vieira Ramos”.

1. Literatura brasileira. 2. Monteiro Lobato – Urupês. 3. Ariano Suassuna – Auto da Compadecida. I. Pachêco, Livia Aparecida. II.

**Elaborada por Maria Letícia Cristina Alcântara Gomes**  
**Bibliotecária CRB n° 03/1835**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS  
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí  
Fone: (89) 3422 2032

---

### **ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Às 14:00 horas do dia 04 de julho do ano de dois mil e vinte e cinco na sala virtual via meet, sob a presidência da professora Aucélia Vieira Ramos, reuniu-se a banca examinadora de defesa de artigo de autoria da aluna: **LÍVIA APARECIDA PACHECO** do curso de Letras desta Universidade com o título: **UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO DISCURSIVO NAS OBRAS REGIONALISTAS URUPÊS DE MONTEIRO LOBATO E AUTO DA COMPADECIDA DE ARIANO SUASSUNA**. A Banca Examinadora ficou assim constituída: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> **Aucélia Vieira Ramos (Orientadora – Presidente)**, Prof<sup>º</sup> **Daniel Costa Dias (1º Examinador-Interno)** e Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> **Ludmila Santos Andrade (2ª Examinadora-Interna)**. Foram registradas as seguintes ocorrências: após a apresentação da aluna pela Presidente da banca, ocorreu a apresentação do artigo, seguido de questionamentos pelos membros da banca; finalizando, foram sugeridas algumas correções. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, tendo a aluna obtido às seguintes notas: **10,0 (DEZ); 10,0(DEZ) e 10,0 (DEZ)**. Apuradas as notas verificou-se que a aluna foi aprovada com média geral **10,0 (DEZ)**. E para constar, eu, **AUCÉLIA VIEIRA RAMOS**, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos.

Picos, 04 de julho de 2025.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora

Presidente

---

1º examinador externo



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**  
**COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**  
Rua Cícero Duarte N° 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí  
Fone: (89) 3422 2032

---

*Rudmila Santos Andrade*

---

2º examinadora interna

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>2 - ANÁLISE DO DISCURSO: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO</b> .....	8
<b>2.1 - Noção de sujeito para a análise do discurso</b> .....	12
2.2 Marcas da memória discursiva e a influência do interdiscurso na constituição do sujeito do discurso.....	13
<b>3 - <i>AUTO DA COMPADECIDA E URUPÊS: DOIS RETRATOS DO SUJEITO</i></b> <b>DISCURSIVO</b> .....	15
<b>4 - METODOLOGIA</b> .....	17
<b>5 - ANÁLISE E DISCUSSÕES</b> .....	17
5.1 - Lobato e a sua construção do homem sertanejo.....	18
5.2 - A criação de Suassuna João Grilo .....	23
<b>6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	29
<b>REFERÊNCIA</b> .....	30

## UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO DISCURSIVO NAS OBRAS REGIONALISTAS *URUPÊS* DE MONTEIRO LOBATO E *AUTO DA COMPADECIDA* DE ARIANO SUASSUNA

Lívia Aparecida Pacheco<sup>1</sup>

Aucelia Vieira Ramos<sup>2</sup>

**RESUMO:** O texto literário é construído sob o pano de fundo da realidade não ficcional da qual ele sofre influência. Através do texto ficcional, é possível identificar elementos que se encontram para além do enredo presente na superfície textual. Através dele, seu leitor consegue ter indícios das ideologias que o autor carrega consigo, do contexto social, histórico e político no qual a obra foi produzida. Nesse sentido, levando em consideração os aspectos contextuais que marcam a produção do texto literário e as construções discursivas presentes nas obras *Urupês* (2019) e *Auto da Compadecida* (2018), é que nos propomos a analisar as obras em questão. O presente trabalho questiona como os autores Monteiro Lobato e Ariano Suassuna realizaram a representação do sujeito regional, por meio dos personagens Jeca Tatu e João Grilo. Desse modo. Objetivamos de maneira geral compreender a construção que os autores fazem das personagens em questão, através da análise da construção dos sujeitos discursivos Jeca Tatu e João Grilo. De modo específico buscamos analisar quais recursos discursivos foram mobilizados para a construção dos personagens Jeca Tatu e João Grilo, identificar a atuação do interdiscurso no tocante à construção da figura dos sujeitos regionais, bem como discutir da influência da memória discursiva na constituição das personagens enquanto sujeitos do discurso. O embasamento teórico da pesquisa em questão se deu através da utilização de autores como Orlandi (2015) (2012), Mainguenu (2015), Mussalim (2012), Pêcheux (1995) e Brandão (2004). Após a análise das construções dos sujeitos discursivos Jeca Tatu e João Grilo pôde-se concluir a influência da memória discursiva e a atuação do interdiscurso na sua construção enquanto sujeitos do discurso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do Discurso; Sujeito Discursivo, Memória Discursiva, Regionalismo.

### INTRODUÇÃO

Ao refletir a respeito do sujeito regional – do homem sertanejo – percebe-se que existem muitos preconceitos no imaginário popular que estão relacionados a essa figura. Muitas vezes a utilização do termo *caipira* para fazer menção às pessoas que vivem em ambientes rurais está carregada de um sentido pejorativo, isso pois, muitos estereótipos ainda são relacionados à figura do homem sertanejo, tais como o de que ele é um sujeito sem modos, sem educação

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras Português na Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística da Universidade Federal do Ceará. Professora Adjunta A da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB), em Picos, PI, lotada na Coordenação do Curso de Letras.

formal, que vive isolado da cidade e não possui a capacidade de acompanhar a modernidade.

Diante disso, é possível apontar que as produções literárias possuem um papel de grande relevância no que diz respeito à criação no imaginário popular da figura do homem regional, visto que elas contribuíram para a criação e perpetuação de muitos estereótipos e termos pejorativos que são associados a ele.

O texto, é um objeto linguístico, mas também se caracteriza como sendo um objeto histórico, ele não se limita a ser um conjunto de enunciado portadores de informação, mas é também fruto de determinadas situações sociais (Fiala e Ridoux, 1973 *apud* Orlandi, 2015). Assim, ao conceber o texto como sendo um objeto linguístico-histórico, sua análise não pode se limitar ao estudo dos conteúdos de ordem linguística, mas deverá levar em conta o contexto social e histórico que serviram de pano de fundo para a criação da obra.

Desse modo, é possível afirmar que os fatores extralinguísticos exercem a mesma importância que os aspectos de ordem linguística para a análise de uma obra literária. Levando isso em conta, é importante destacar a necessidade de discussão a respeito da construção do sujeito discurso (SD) e a forma como ele é apresentado dentro de obras regionalistas, bem como as marcas linguísticas e discursivas que o constituem enquanto SD. Evidenciando, assim, a ideologia por trás da sua criação, traços do seu contexto social, uma vez que a obra literária é um retrato do mundo social, um *parasita* do mundo real, a qual constrói a sua ficcionalidade a partir da realidade (Eco, 1995)

Assim, considerando a representação do sujeito dentro das produções literárias regionalistas e a importância de reflexão a esse respeito é que nos propomos responder ao seguinte questionamento: de que maneira os autores Ariano Suassuna e Monteiro Lobato construíram os seus sujeitos discursivos nas obras regionais *Urupês* e *Auto da Compadecida*, materializados através dos personagens João Grilo e Jeca Tatu?

Esse trabalho possui como objetivo geral evidenciar por meio da análise discursiva, como se dá a construção do sujeito discursivo dentro das obras *Urupês* e *Auto Compadecida*. Além disso, a pesquisa busca de maneira específica analisar quais recursos foram mobilizados para a construção dos personagens Jeca Tatu e João Grilo, identificar a atuação do interdiscurso no tocante à construção da figura dos sujeitos regionais em questão, bem como discutir da influência da memória discursiva na constituição das personagens enquanto sujeitos do discurso.

A pesquisa realizada enquadra-se como sendo de caráter bibliográfico, visto que o estudo em questão se pauta na utilização de materiais já publicados acerca da temática, tais como livros, artigos e dissertações, dos quais se destacam Orlandi (2015) (2012), Mainguenu

(2015), Mussalim (2012), Pêcheux (1995) e Brandão (2004).

Assim, através de uma análise de natureza básica, busca-se analisar os textos literários de uma maneira descritiva e interpretativa, relacionando-os com outros textos, a fim de encontrar traços discursivos presentes nas obras que evidenciem a construção dos sujeitos discursivos, e com isso apresentar uma contribuição para as pesquisas da área.

O presente trabalho fez utilização da teoria de estudos linguísticos da análise do discurso (AD) para realizar a análise das obras *Urupês* de Monteiro Lobato e *Auto Compadecida* de Ariano Suassuna. Através desta pesquisa descrevemos como se dá a construção do sujeito discursivo dentro das duas obras regionalistas analisadas.

Esta pesquisa se justifica como relevante para área de estudos linguísticos, uma vez que busca apresentar a utilização da teoria da análise do discurso, a fim de investigar a construção do sujeito discursivo, a partir da observação de elementos estudados pela análise do discurso, tais como a noção de sujeito, memória discursiva e interdiscurso. Trata-se de um estudo aprofundado e interpretativo a respeito das duas obras em questão, que traçam a figura do homem regional de maneiras distintas, porém, estereotipadas.

## **2- ANÁLISE DO DISCURSO: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO**

Para uma maior compreensão do estudo aqui apresentado e para que se chegue a uma compreensão de como se dá construção do sujeito discursivo nas obras *Urupês* e *Auto da Compadecida* por meio da utilização da análise do discurso, através de uma perspectiva descritiva e interpretativa, antes faz-se necessário uma breve discussão acerca dos pressupostos teóricos dessa disciplina e de como se deu a sua constituição enquanto ciência.

A disciplina de estudos linguísticos que hoje é conhecida como análise do discurso tem o seu surgimento datado do final da década de 1960. Voltando-se para as análises acerca do fenômeno da linguagem, essa nova disciplina propôs uma ruptura com os estudos até então vigentes acerca da língua, representados sobretudo pela corrente estruturalista, uma vez que propõe uma nova maneira de abordar o papel da linguagem dentro da linguística.

Foi nesse período, que o campo de pesquisa a respeito da língua abriu espaço para que a discussão a respeito do discurso fosse introduzida. Em 1969, Michel Pêcheux publica *Análise Automática do Saber* e Foucault *Arqueologia do Saber*, obras que colocaram em evidência a discussão acerca do discurso.

Ainda nos anos de 1969, a revista *Linguistic Language* dedica um número especial para apresentar aos leitores a nova modalidade de estudos linguísticos. O responsável pela

publicação na revista foi o linguista Jean Dubois. Para ele, “desenvolver a análise do discurso é uma forma de ampliar o trabalho da linguística para as relações entre língua e sociedade, de renovar de alguma maneira, os métodos da filologia”. (Maingueneau, 2015, p.18)

Diante desse cenário, a constituição da análise do discurso enquanto disciplina se deu através do estabelecimento de uma relação íntima com outras disciplinas e ciências que compreendem estudos voltados para questões que se localizam para além do campo da linguística. Tal caráter dialógico da AD com outras áreas de estudos faz com que ela seja entendida por muitos pesquisadores como uma disciplina de caráter interdisciplinar.

Assim, a AD dialoga diretamente com a linguística estruturalista, a medida em que prevê que a linguagem não é transparente, com a teoria marxista, visto que pressupõe o legado do materialismo histórico, e com a psicanálise, fazendo uso da noção de sujeito defendida por Lacan (Orlandi, 2015). Nesse viés, para Maingueneau, o procedimento investigativo do analista do discurso é:

[...] de uma espécie de um psicanalista do discurso animado por um projeto marxista, cujo alcance é simultaneamente político e epistemológico: procedendo a uma análise – leia-se decomposição – dos textos, procura-se revelar a ideologia que eles estão destinados a dissimular [...] (Maingueneau, 2015, p. 19)

Desse modo, o processo de constituição da análise do discurso enquanto disciplina se deu através do entremeio das disciplinas de estudos sociais e da linguística estruturalista, promovendo uma mescla entre tais áreas. Assim, a AD lança questões para linguística sondando-a acerca da historicidade que ela apaga, ao mesmo tempo em que interroga as ciências sociais a respeito da transparência da língua. Assim, no seu método investigativo, busca-se refletir acerca de como a linguagem está materializada na ideologia e de como a ideologia se materializa na língua. Para Orlandi (2015, p.12):

Em consequência, não se trabalha como na Linguística, com a língua fechada nela mesma, mas com o discurso, que é um objeto sócio-histórico em que o linguístico intervém como pressuposto. Nem se trabalha, por outro lado, com a história e a sociedade como se elas fossem independentes do fato de que elas significam.

Assim, a análise do discurso desenvolveu um caráter autônomo, voltado para o entendimento de como as relações sociais e históricas afetam a construção de sentido da língua. Embora o seu surgimento seja datado dos anos finais da década de 60, antes disso, alguns estudos já apontavam, ainda que de maneira contida, para que houvesse essa compreensão.

Brandão (2004) aponta que os estudos de ordem retórica, bem como o método de análise empregado pelos formalistas russos já realizavam um exame do texto levando em conta a sua materialidade e buscando um método de análise transfrástico. Tais pesquisas, no entanto, não apresentaram grandes avanços no tocante aos estudos relacionados ao discurso, uma vez que essas pesquisas eram restritas a análise da estrutura textual.

Nesse ponto, faz-se importante que se estabeleça uma diferenciação entre as vertentes em que a análise do discurso se divide, sendo elas a análise do discurso de linha americana e a de linha europeia.

A análise do discurso de linha americana diz respeito a uma maneira de conceber os estudos linguísticos como sendo uma extensão da linguística, uma vez que se limita a uma análise restrita ao estudo da língua, deixando de lado os fatores de ordem social. Para Brandão (2004, p. 14) a análise do discurso americana:

[...] aplica procedimentos de análise de unidades da língua aos enunciados e situa-se fora de qualquer reflexão sobre a significação e as considerações sócio-históricas de produção que vão distinguir e marcar posteriormente a análise do discurso.

Estabelecendo uma relação de oposição com a análise do discurso de matriz americana, a análise do discurso de vertente europeia, diz respeito a um tipo de análise que não se preocupa apenas com o estudo do texto fechado em si mesmo, mas que engloba fatores que são externos a ele. Desse modo, as condições de produção em que um dizer foi construído são consideradas como sendo de grande relevância para seus estudos.

Tal perspectiva faz com que a AD (sigla que diz respeito à vertente de estudos do discurso de origem europeia) precise recorrer a outras disciplinas para realizar suas investigações. Conforme Brandão afirma, “esse pressuposto exige um deslocamento teórico, de caráter conflituoso, que vai recorrer a conceitos exteriores ao domínio de uma linguística imanente para dar conta da análise de unidades mais complexas da linguagem” (2004, p. 15)

Na busca por construir um objeto de estudo, a análise do discurso vai de encontro com o que era defendido pela corrente estruturalista, cujo principal representante foi o linguista Ferdinand Saussure, na medida em que a AD não se limita a realizar um estudo da língua fechada em si mesma, mas sim da língua em situações concretas de uso. A respeito desse procedimento de investigação, Orlandi (2015, p. 15-16) destaca:

A primeira coisa a se observar é que na análise do discurso é que ela não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no

mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade.

Nesse viés, pode-se apontar que a análise do discurso propõe um novo cenário para os estudos e concepções de língua, uma vez que opta por não adotar o mesmo caminho traçado pelos teóricos da linguística estruturalista – que se limitavam a seguir uma perspectiva de estudos a respeito do fenômeno da linguagem, promovendo uma ruptura entre a língua (sistema de regras abstrato e social) e a fala (concretização das regras realizada por um sujeito individual) (Saussure, 2008). Assim, a AD propõe um novo modo de conceber o fenômeno da linguagem, distanciando-se da dicotomia proposta por Saussure, como afirma Brandão:

Estudiosos passam a buscar uma compreensão do fenômeno da linguagem não mais centrado apenas na língua, sistema ideologicamente neutro, mas num nível situado fora desse polo da dicotomia saussuriana. E essa instancia da linguagem e a do discurso. Ela possibilitara operar a ligação necessária entre o nível propriamente linguístico e o extralinguístico [...]. (Brandão, 2004, p. 11)

Diante disso, a AD delimita o discurso como o seu objeto de estudo, entendido como sendo a língua em uso, a palavra em movimento, a prática da linguagem (Orlandi, 2015). Para Dominique Maingueneau (2015), o discurso está para além da frase, uma vez que engloba fatores que extratextuais, “isso não quer dizer que todo discurso se manifesta por sequencias de palavras de dimensões obrigatoriamente superiores à frase, mas que ele mobiliza estruturas de outra ordem, diferente das da frase” (Maingueneau, 2015, p. 26).

Ainda de acordo com Maingueneau (2015) o discurso é uma forma de ação sobre o outro, é contextualizado, segue regras próprias de comunicação e é interativo. Tal entendimento de interatividade não se limita à conversação, visto que “qualquer interação, mesmo que produzida na ausência de um destinatário, ou na presença de um destinatário que parece passivo, se dá em uma interatividade constitutiva”. (Maingueneau, 2015, p.26). A esse respeito, Orlandi (2015, p.19) diz que:

Nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas sobretudo como acontecimento. Reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história. Aí entra então a contribuição da psicanálise, com o deslocamento da noção de homem para sujeito. Este, por sua vez, se constitui na relação com o simbólico, na história.

O discurso se mostra como um mecanismo que é capaz de evidenciar não só o conteúdo de ordem linguística, mas também as condições em que ele foi produzido. Além disso, o discurso é um lugar de circulação de ideologias. É através dele que a ideologia ganha materialidade. “[...] o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por e para sujeitos.” (Orlandi, 2015, p.17).

Assim, ao voltar-se para os estudos do discurso, a AD preocupa-se com o que se expande para além dos elementos de ordem textual, buscando observar o material fornecido pelo ambiente extralinguístico e compreender como se dá a relação da língua no mundo. Nessa perspectiva, fatores de ordem socioeconômica, histórica e social são objetos de estudo dessa disciplina, uma vez que o contexto de produção representa uma fonte de informações importante para a obtenção de dados da análise do discurso.

## **2.1 - Noção de sujeito para a análise do discurso**

Para o desenvolvimento do processo investigativo da análise do discurso proposto pelo presente trabalho, é importante que se entenda alguns conceitos que são bastante visitados durante a pesquisa. Dentre eles, esta a compreensão do que caracteriza o sujeito discursivo e como ele é visto dentro da perspectiva teórica proposta pela A.D.

A construção da noção de sujeito pela análise do discurso de matriz francesa promove uma ruptura com a concepção tradicional de sujeito centrado, hegemônico, livre e dono do seu dizer que era adotada pelas outras teorias de estudos sociais da época. Assim, na construção do sujeito discursivo, a AD toma como pressuposto a ideia de que existe uma determinação que atua sobre ele.

Diante desse cenário, a análise do discurso constrói o SD através de uma retomada dos postulados da psicanálise – ao resgatar ideia de sujeito defendida por Lacan – bem como do marxismo, uma vez que compreende que o materialismo histórico afeta diretamente a constituição desse sujeito.

A história é um fator de grande relevância no que diz respeito à compreensão do sujeito discursivo. Isso porque a sua fala está sempre situada em um espaço e em um tempo, fazendo com o SD seja essencialmente histórico. Tal fato faz com que esse sujeito seja também ideológico, visto que o discurso por ele produzido é carregado de influências da época e do lugar em que ele está situado. Dessa forma, o sujeito é definido pela ideologia, a qual é absorvida por ele de maneira inconsciente, como citado por Orlandi:

E porque sua fala é produzida a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo, a concepção de um sujeito histórico articula-se outra noção fundamental: a de um sujeito ideológico. Sua fala é um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social. (Brandão, 2004, p. 59)

A influência da psicanálise para os estudos discursivos introduz a noção de um sujeito submetido ao seu inconsciente, o qual se torna assujeitado, visto que não possui autonomia na produção do seu discurso, o que faz com que ele não seja dono do seu dizer. Sobre isso, Orlandi afirma:

Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer aos efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história, ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos (Orlandi, 2005, p.50)

Para Pêcheux (1995), o sujeito possui duas ilusões: a de que ele é o dono e a fonte do seu dizer e a de que os sentidos são transparentes, ou seja, se encontram explícitos na superfície do texto. Desse modo, para a AD, esse sujeito não possui a liberdade de falar o que quer e nem plena consciência do seu discurso, se constituído, assim, como um indivíduo “dividido, clivado entre o consciente e o inconsciente” (Mussalim, 2012, p. 134).

## **2.2 – Marcas da memória discursiva e a influência do interdiscurso na constituição do sujeito do discurso**

Essa ilusão que o sujeito possui de ser dono dos sentidos que produz é provocada pelo chamado esquecimento ideológico, o qual se instaura no inconsciente, sendo resultado do modo como a ideologia afeta o sujeito. Desse modo, o sujeito sofre um esquecimento involuntário daquilo que já foi dito, fazendo com que ele retome sentidos que já foram construídos, acreditando que eles se originaram a partir dele. “Esse esquecimento reflete o sonho adâmico: o de estar na inicial absoluta da linguagem, ser o primeiro homem, dizendo as primeiras palavras, que significariam apenas e exatamente o que queremos” (Orlandi, 2012, p. 35).

Nesse viés, o sujeito tem o seu dizer controlado e atravessado por fatores exteriores, pois, para a análise do discurso, não existe um sentido original, uma vez que eles são construídos historicamente. Dessa maneira, o sujeito tem o seu dizer determinado de acordo com como ele está inscrito na língua e na história.

Nessa perspectiva, a construção do sujeito do discurso se dá em relação com o Outro,

uma vez que ele situa o seu discurso em relação ao discurso do Outro (Brandão, 2004). Esse Outro que influencia o discurso do sujeito é representado tanto por um destinatário/interlocutor, a quem o sujeito ajusta a sua fala, quanto também por outros discursos que o sujeito deixa emergirem na sua fala, consciente ou inconscientemente. Desse modo, o Outro passa exercer um papel de influência na construção da identidade do sujeito discursivo, como afirma Mussalim:

Nesse sentido, o “eu” perde a sua centralidade, deixando de ser senhor de si, já que o “outro”, o desconhecido, o inconsciente, passa a fazer parte da sua identidade. O sujeito é então um sujeito descentrado, que se define agora como sendo a relação entre o “eu” e o “outro”. (2012, p. 134)

Essa constatação da interferência do Outro na construção do discurso do sujeito coloca em evidência uma nova concepção de linguagem, entendida como múltipla e heterogênea:

Disso decorre uma concepção de linguagem também não mais assentada na noção de homogeneidade. A linguagem não é mais evidência, transparência de sentido produzida por um sujeito uno, homogêneo, todo-poderoso. É um sujeito que divide o espaço discursivo com o outro (Brandão, 2004, p. 60).

Nesse viés, na construção do discurso do sujeito discursivo há um diálogo com outros discursos que circulam na sociedade, tornando o seu dizer constituído de diversos outros dizeres. Assim, dentro da concepção da análise do discurso de matriz francesa, tanto o sujeito quanto a linguagem são fenômenos heterogêneos.

Mainguenau (2008), ao dialogar a respeito desse caráter múltiplo do sujeito discursivo remete ao conceito de heterogeneidade constitutiva. Para o autor, a heterogeneidade é inerente a toda construção discursiva e é responsável por “amarrar” o discurso do sujeito ao seu Outro, funcionando, assim, como local onde interdiscurso se inscreve. Para o autor, “o discurso reencontra o discurso do Outro em todos os caminhos que levam a seu objeto, e um não pode não entrar em relação viva e intensa com o Outro” (Todorov 1981 *apud* Maingueneau, 2008, p. 32)

Percebe-se, assim, o estabelecimento de uma relação íntima entre os dois termos, sendo o interdiscurso a relação estabelecida entre os diversos discursos existentes, podendo ser ela de conformidade ou contrariedade. Já a heterogeneidade se caracteriza por esse cruzar de vozes em um mesmo discurso.

Tal entendimento, coloca em evidência conceito de formação discursiva (FD), o qual, de acordo com Pêcheux (1995, p. 160) diz respeito a:

aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.).” (Pêcheux, 1995, p.160).

Desse modo, a partir do entendimento de formação discursiva, percebe-se que o sujeito do discurso possui a capacidade de realizar uma adequação da produção do seu discurso à conjuntura em que ele se encontra inserido, e a qual determina o que deve ou não ser dito por ele.

### **3 - AUTO DA COMPADECIDA E URUPÊS: DOIS RETRATOS DO SUJEITO DISCURSIVO**

O *Auto da Compadecida* e “Urupês” são duas obras que se constroem tomando como pano de fundo o ambiente sertanejo – uma retrata o sertão paulista, enquanto a outra o sertão paraibano, respectivamente. Desse modo, um ponto em comum entre as duas obras literárias é que ambas buscam delinear o esboço do homem interiorano brasileiro, no entanto, de maneiras distintas.

Enquanto uma das obras retrata o homem sertanejo como sendo um sujeito esperto e capaz de encontrar uma solução para as mais diversificadas situações, na outra, esse homem é descrito como alguém atrasado, que não possui domínio da educação formal e, devido a isso, é incapaz de elaborar raciocínios complexos.

O *Auto da Compadecida* é uma peça teatral considerada como sendo a obra-prima do romancista e dramaturgo paraibano Ariano Suassuna. A peça foi escrita em 1955 e encenada pela primeira vez no ano de 1957 no Primeiro Festival de Amadores Nacionais, no Rio de Janeiro. A obra representou um marco para o teatro brasileiro, sendo traduzida para diversos idiomas. Ao tratar do ambiente nordestino, a peça realiza um retrato da cultura popular nordestina, bem como do regionalismo.

Por meio dos seus personagens, sobretudo do protagonista João Grilo, a peça descreve a cultura popular nordestina, através da representação da figura do homem de origem nordestina, evidenciando as suas marcas culturais e religiosas. A construção da peça foi influenciada diretamente pela vivência de Suassuna no ambiente do nordeste, como é afirmado por Cruz:

A construção do universo ficcional da peça ou do “mundo mítico”, como o próprio Ariano Suassuna denomina, foi fortemente influenciada pelas suas experiências vividas no sertão nordestino durante a infância, quando teve contato com as mais variadas formas de expressão popular, dentre elas a literatura de cordel, o teatro de mamulengos e a cultura circense (Cruz, 2021, p.26)

A obra é composta por três atos e tem o seu desenrolar em torno das peripécias do personagem João Grilo, que é descrito como um homem típico do sertão nordestino, que se utiliza tanto da inteligência quanto da malandragem – o famoso “jeitinho brasileiro” – para encontrar maneiras de driblar a falta de oportunidades gerada pelo ambiente de seca e miséria no qual ele está inserido.

A outra obra aqui analisada e que também apresenta a temática do homem sertanejo é o conto “Urupês”, que faz parte do compilado de contos que compõem o livro intitulado de *Urupês*, publicado no Brasil no ano de 1918, cuja autoria é de responsabilidade do escritor brasileiro Monteiro Lobato.

Em *Urupês*, Monteiro Lobato, utiliza-se escrita para dar vida ao caboclo Jeca Tatu, o qual se tornaria mais adiante uma das suas mais célebres criações. Descrito como um homem sertanejo do interior do estado de São Paulo, Jeca é apresentado por Lobato como um sujeito um tanto ingênuo, sem cultura nem modos, que não teve acesso à educação formal e cultivava uma pequena plantação para a garantia apenas da sua sobrevivência.

O personagem é descrito na obra como uma pessoa desleixada, que não se importava com a sua aparência, higiene pessoal e vestimentas, que não fazia uso sequer de sapatos e andava sempre de pés descalços. A criação de Lobato é apresentada como alguém acomodado, que se encontra em uma situação de miséria, mas que, para evitar o esforço, prefere se manter inerte, não fazendo nada para modificar o cenário em que está inserido

Sempre alheio à realidade social que o cercava, Jeca não era capaz de expressar reação alguma diante dos acontecimentos que marcavam o seu país, como por exemplo, a abolição da escravatura decretada pela princesa Isabel através da assinatura da Lei Áurea em 13 de maio.

No que diz respeito às suas interações no meio social, Jeca Tatu é descrito como sendo bastante restrito, uma vez que ele era enxergado pelas pessoas como sendo um homem preguiçoso e alcoólatra. Além disso, o seu dizer também é alvo de sátiras, visto que o personagem apresenta uma incapacidade linguística de expressar os seus pensamentos através da linguagem.

Para Candido (2006, p. 120), o regionalismo “constitui uma das principais vias de

autodefinição da consciência local”, ou seja, representa uma forma da comunidade local compreenda a si mesma. Nesse sentido, ao direcionar o olhar para as duas criações em questão frutos do regionalismo, é possível identificar a distinção que se estabelece entre elas, ocasionada pela forma como cada autor buscou retratar seus protagonistas e por consequência, o sujeito regional.

#### **4 METODOLOGIA**

Para a realização do presente trabalho, lançou-se mão de uma abordagem metodológica de caráter bibliográfico, visto que o estudo em questão se pauta na utilização de materiais que já foram publicados acerca da temática, tais como livros e artigos, dos quais se destacam Orlandi (2012) (2015), Mainguenu (2015) (2008), Mussalim (2012), Pêcheux (1995) e Brandão (2004). Tal método, se enquadra no que Fonseca (2002, p. 32) define como pesquisa bibliográfica: “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites”.

Desse modo, no que diz respeito à natureza do presente estudo, este se enquadra como sendo de natureza básica, uma vez que temos o objetivo de gerar novas reflexões acerca da temática abordada sem que haja uma aplicação prática dos resultados obtidos. Assim, buscando contribuir tanto para as pesquisas de ordem literária, quanto para as de caráter linguístico.

Por meio da pesquisa em questão, utilizamo-nos de uma abordagem descritiva-interpretativa para descrevermos as práticas discursivas presentes nas obras *Urupês* e *Auto da Compadecida*, através do estudo dos personagens Jeca Tatu e João Grilo. Com isso, através da utilização da teoria da análise do discurso de matriz francesa, busca-se explicitar os discursos presentes na obra que perpassam a construção dos personagens, levando em conta a noção de sujeito para os estudos discursivos. Nesse viés, procuramos, através da análise, identificar a influência do interdiscurso e da memória discursiva na construção dos personagens enquanto SD.

#### **5 ANÁLISE E DISCUSSÕES**

Conforme mencionado anteriormente, a análise em questão se volta para duas renomadas obras da literatura brasileira, *Urupês* e *Auto da Compadecida*, textos que embora se classifiquem como sendo de gêneros distintos, carregam consigo um ponto de semelhanças: ambos realizam uma representação do sujeito regional. No entanto, apesar desse ponto em

comum, é possível identificar uma relação de contrastes no tocante a construção dos dois sujeitos regionais. Enquanto em uma das obras observa-se um sujeito esperto, ativo e que busca formas de garantir a sobrevivência em meio a um ambiente que não oferece muitas oportunidades, na outra vê-se um sujeito preguiçoso, acomodado e sem a capacidade de elaborar raciocínios complexos.

Embora sejam textos que estabelecem uma relação de distinção não só no tocante aos seus gêneros textuais, mas também à forma como cada autor buscou representar o homem sertanejo, é possível identificar pontos em comum entre as duas as duas criações. Desse modo, a teoria de estudos linguísticos da análise do discurso de matriz francesa serve como um mecanismo norteador e auxiliador do processo de compreensão dos sujeitos do discurso Jeca Tatu e João Grilo.

Na análise do discurso, o discurso é visto como um espaço que permite que a ideologia ganhe materialidade. No que diz respeito às criações literárias, o autor é responsável por introduzir os seus discursos e, conseqüentemente, a sua ideologia através das vozes dos seus personagens. Para Orlandi (2015, p.15) “O discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentido por /para sujeitos”. Sendo assim, ao analisar as obras em questão, será possível identificar quais as tendências ideológicas as constituem e interferem na construção dos discursos que se fazem presente.

### **5.1 Lobato e a sua construção do homem sertanejo**

O conto *Urupês* foi divulgado pela primeira vez sob o título de *Velha Praga*, e só mais tarde teve o seu título modificado para o que conhecemos hoje, passando a compor uma coletânea de contos publicados por Monteiro Lobato em 1918. Nele, o autor apresenta com um tom de criticidade a situação social e cultural que o país vivenciava na época. Por se enquadrar dentro da tendência literária do pré-modernismo, Monteiro Lobato leva essa influência para dentro da obra literária.

Em se tratando dos estudos discursivos, sabe-se que apenas os dados fornecidos pelo conteúdo textual não são suficientes para dar conta de uma análise discursiva. Desse modo, como já visto anteriormente, essa disciplina busca manter uma relação de interdisciplinaridade com outras disciplinas que forneçam para os estudos do discurso elementos de ordem histórica e social, que compreendam o contexto de produção de um determinado discurso. Assim o

sentido:

[...] não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-históricas em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. (Orlandi, 2015, p. 43)

Ao dar início ao seu conto, Lobato utiliza-se da narrativa para tecer uma crítica tênue ao indianismo adotada pelo autor José de Alencar, como mostrado no trecho abaixo. Essa posição do autor em relação ao escritor da primeira geração romântica influencia a sua escrita. Trecho 1 (Lobato, 2019, P. 119):

**TRECHO 1:** *Esborrou-se o balsâmico indianismo de Alencar ao advento dos Rondons que, ao invés de imaginarem índios num gabinete, com reminiscências de Chateaubriand na cabeça e a Iracema aberta sobre os joelhos, metem-se a palmilhar sertões de Winchester em punho.*

Ao observar o trecho acima apresentado, pode-se identificar uma crítica feita por Lobato ao estilo indianista adotado por José de Alencar e outros escritores da época, os quais, seguindo a estética proposta pela primeira geração literária do romantismo, traçavam a figura do homem nativo de uma maneira idealizada, maquiando os seus defeitos, de modo a pintá-lo como sendo o herói nacional brasileiro. Nesse ponto, é possível perceber o embate entre formações discursivas, doravante FD, entendida como sendo um elemento que determina o que pode ser dito em determinado contexto, de acordo com a posição ideológica na qual o locutor está inserido e a qual o governa:

Para Pêcheux (1995), a noção de sujeito é determinada pelo lugar de onde se fala, visto que ele fala do interior de uma formação discursiva, a qual é regulada por uma determinada formação ideológica. Desse modo, “[...] os indivíduos são interpelados em sujeitos falantes (em sujeitos do seu discurso) pelas formações discursivas que representam “na linguagem”, as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. (Pêcheux, 1995, p. 161)

Nesse viés percebe-se que Lobato fala do interior de uma FD que se distingue da FD que rege o discurso dos escritores indianistas, como é o caso de José de Alencar. Assim, ao construir a figura regional Jeca Tatu, Lobato parte de uma formação discursiva pré-modernista, que buscava fazer uma representação da realidade e do homem interiorano de maneira realista, sem nenhum tipo de idealização, contrariando os postulados defendidos pelo movimento romântico.

Nessa conjuntura, a construção de Jeca Tatu e os traços que o constituem são frutos da formação discursiva em que o autor se insere. Desse modo, Lobato se propõem a delinear o perfil do sujeito sertanejo dentro dos padrões defendidos pelos sertanistas modernos, “um selvagem real, feio e brutesco, anguloso e desinteressante, tão incapaz, muscularmente, de arrancar uma palmeira, como incapaz, moralmente, de amar Ceci. (Lobato, 2019, p. 119). Assim, cabe-se aqui questionar se nessa tentativa de construir o homem sertanejo de maneira realista, Lobato não acabou se excedendo e traçando uma figura excessivamente estereotipada e não condizente com o real sujeito interiorano.

Após esse momento introdutório, Lobato inicia a descrição do personagem do qual ele tratará na obra: Jeca Tatu. Jeca é apresentado na obra como um *Piraquara do Paraíba*, ou seja, um morador das margens do Rio Paraíba no sertão paulista, o personagem é descrito como alguém desleixado, alheio à realidade, acomodado, incapaz de evolução, arcaico, como descrito no trecho 2 (Lobato, 2019, p. (120 /121):

**TRECHO 2:** *Porque a verdade nua manda dizer que entre as raças de variado matiz, formadoras da nacionalidade e metidas entre o estrangeiro recente e o aborígene de tabuinha no beijo, uma existe a vegetar de cócoras, incapaz de evolução, impenetrável ao progresso. Feia e sorna, nada a põe de pé.*

*Quando Pedro I lança aos ecos o seu grito histórico e o país desperta estrouvinhado à crise duma mudança de dono, o caboclo ergue-se, espia e acocora-se de novo.*

*Pelo 13 de Maio, mal esvoaça o florido decreto da Princesa e o negro exausto larga num uf! o cabo da enxada, o caboclo olha, coça a cabeça, ‘magina e deixa que do velho mundo venha quem nele pegue de novo.*

De acordo com o trecho citado acima, pode-se perceber que Jeca se comporta de modo indiferente aos acontecimentos marcantes para o país, visto que em situações que despertaram a comoção nacional, devido à grandeza do acontecimento, o caboclo limitou-se a ficar de Cócoras.

Para a análise do discurso, a noção de memória discursiva se pauta no entendimento de que todo dizer é construído a partir de um pré-construído, que o sujeito internaliza por meio do contato com outros discursos (Orlandi, 2015). Nessa perspectiva, nota-se que, no que diz respeito aos acontecimentos citados pelo autor, Jeca não possui nenhum pré-construído, não há a presença dessas informações na sua memória discursiva.

A AD compreende que todo discurso é construído socialmente (Orlandi, 2015). Nesse

viés, percebe-se que o sujeito discursivo Jeca Tatu encontra-se inserido em um meio social que não ofereceu a possibilidade de que ele desenvolvesse um conhecimento a respeito dos discursos relacionados aos fatos históricos citados. Isso faz com que a personagem não consiga formular nenhum discurso a respeito dos acontecimentos da independência do país ou da abolição da escravatura.

Em certo ponto da narrativa, Lobato faz menção ao personagem vizinho de Jeca, intitulado por ele como o “compadre que está muito bem”, realizando uma comparação entre o caboclo e o seu vizinho. Pode-se identificar essa relação de contraste no trecho 3 (Lobato, 2019, p. 124).

**TRECHO 3:** *E assim como ao lado do restolho cresce o bom pé de milho, contrasta com a cristianíssima simplicidade do Jeca a opulência de um seu vizinho e compadre que “está muito bem.” A terra onde mora é sua. Possui ainda uma égua, monjolo e espingarda de dois canos. Pesa nos destinos políticos do país com o seu voto e nos econômicos com o polvilho azedo de que é fabricante, tendo amealhado com ambos, voto e polvilho, para mais de quinhentos mil réis no fundo da arca.*

Enquanto Jeca não possui bens, vive em uma terra que não é sua, cultiva uma pequena plantação apenas para a sua subsistência e é caracterizado sobretudo pelo seu comodismo e falta de consciência da realidade que o cerca, o seu vizinho é descrito como um sujeito bem estruturado, que possui muitos pertences e que é atento à realidade.

Nessa perspectiva, pode-se perceber que na construção do sujeito discursivo de Jeca Tatu existe uma influência da presença de um Outro, entendido pela análise do discurso como sendo aquilo que é exterior ao sujeito e que exerce influência sobre a sua construção. O outro se situa no inconsciente do sujeito, “e envolve não só o seu destinatário para quem planeja, ajusta a sua fala (nível intradiscursivo), mas que também envolve outros diz cursos historicamente já constituídos e que emergem na sua fala (nível interdiscursivo). (Brandão, 2004, p. 59)

Assim, ao assumir uma postura de admiração pela figura do compadre, o qual representa tudo o que ele não era, uma vez que apresenta características contrárias às suas: “*fino como o compadre, ‘home’ ... nem mesmo o vigário de Itaoca!*”, Jeca se constrói enquanto sujeito estabelecendo uma relação de contraste em relação à presença desse Outro, na medida em que interage com o seu vizinho.

Jeca Tatu, a todo momento na narrativa, rememora os Outros e os seus dizeres, que

estabelecem uma relação de atravessamento e influenciam a construção do personagem enquanto sujeito discursivo. O discurso produzido pelo seu pai é a todo momento retomado, como evidência o trecho 4 (Lobato, 2019, p. 125).

**TRECHO 4:** *O mobiliário cerebral de Jeca, à parte o suculento recheio de superstições, vale o do casebre. O banquinho de três pés, as cuias, o gancho de toucinho, as gamelas, tudo se reedita dentro de seus miolos sob a forma de idéias: são as noções práticas da vida, que recebeu do pai e sem mudança transmitirá aos filhos.*

*O sentimento de pátria lhe é desconhecido. Não tem sequer a noção do país em que vive. Sabe que o mundo é grande, que há sempre terras para diante, que muito longe está a Corte com os graúdos e mais distante ainda a Bahia, donde vêm baianos pernósticos e cocos.*

*Perguntem ao Jeca quem é o presidente da República.*

– *“O homem que manda em nós tudo?”*

– *“Sim.*

– *“Pois de certo que há de ser o imperador.*

*Em matéria de civismo não sobe de ponto. – “Guerra? T’esconjuro! Meu pai viveu afundado no mato p’ra mais de cinco anos por causa da guerra grande. Eu, para escapar do “reclutamento”, sou inté capaz de cortar um dedo, como o meu tio Lourenço...”*

Nota-se aqui que Jeca se apropria da sua exterioridade, por meio da ativação da memória do Outro, representado pela figura do seu pai e do contexto social e histórico no qual ele está inserido. Desse modo, Jeca tem sua construção enquanto sujeito discursivo determinada por essa exterioridade que o cerca e atua sobre ele como um fator determinante. Jeca é, dessa maneira, assujeitado, uma vez que todo o seu dizer e representação que ele carrega do mundo não são frutos da sua própria autonomia, mas sim de outras vozes discursivas que atuam sobre ele, como a de seu pai.

Para a AD de matriz francesa, os sujeitos são sempre interpelados por outras vozes que determinam a construção do seu discurso (Orlandi 2012). Isso faz com que em um único discurso seja possível distinguir diversos outros que formam um emaranhado de vozes discursivas e que pode estabelecer relações de complementação ou contradição com o discurso que está sendo enunciado. É nesse espaço de relação entre os diversos discursos que se localiza o interdiscurso (Orlandi, 2012).

No caso do sujeito discursivo de Jeca Tatú, não é possível identificar essa relação de conformidade ou contradição entre os outros discursos e os discursos por ele formulados, uma

vez que o a personagem se limitada a reproduzir fielmente o discurso que foi apreendido com o seu pai, sem a intenção de contrariá-lo ou de modificá-lo. Jeca passa, assim por um processor de esquecimento ideológico (Orlandi, 2012), que o faz acreditar ser a origem do discurso que constrói, quando na verdade só está realizando uma reprodução de sentidos já existentes na sociedade e com os quais ele teve contato

## 5.2 A criação de Suassuna João Grilo

Ariano Suassuna ganhou notoriedade no cenário literário e teatral brasileiro pelas suas produções que utilizam de temas que se fazem recorrentes em seus textos. Dentre tais temas pode-se apontar a representação da figura do sertão nordestino e do seu povo. Sua produção literária se caracteriza como sendo um símbolo da cultura popular nordestina.

A temática trabalhada por Suassuna em *O Auto da Compadecida* remete ao diálogo com outros gêneros e com outras produções literárias como os textos *O Castigo da Soberba*, *O Enterro do Carro* e *O Cachorro que Defecava Dinheiro*. Desse modo, é possível identificar o caráter dialógico discursivo da produção realizada pelo autor. Henrique Oscar no prefácio do *Auto da Compadecida*, destaca:

[...] Enquadramo-la, inicialmente, na tradição das peças da Alta Idade Média, geralmente designada como *Os Milagres de Nossa Senhora*, (do sec. XIV) em que, numa história mais ou menos – e às vezes muito – profana, o herói em dificuldade apela para Nossa Senhora, que comparece e o salva, tanto no plano espiritual, como no temporal (Suassuna, 2018, p. 09/10)

A criação de Suassuna, João Grilo, é apresentada em sua obra como um sujeito que já enfrentou muitas dificuldades e que junto com o seu amigo Chicó buscam formas criativas de driblar a miséria do contexto no qual eles se encontram inseridos, muitas vezes fazendo o uso do *jeitinho brasileiro* para lidar com as situações. Ao longo da peça, João Grilo passa por inúmeras peripécias, sempre encontrando uma forma de conseguir o que deseja, muitas vezes mentindo e manipulando outras personagens, como é o caso de quando ele e seu amigo Chicó conseguem convencer o padre e o cardeal a realizarem o enterro de um cachorro.

Ao analisar a obra em questão, é possível perceber que com a personagem João Grilo, Suassuna busca realizar uma representação do homem regional, tal qual Lobato fez na construção de Jeca Tatu. No entanto, é possível identificar a distinção que se estabelece entre as duas personagens, uma vez que o retrato do o homem regional delineado por Suassuna evidencia um sujeito esperto, que busca vencer as adversidade, embora nem sempre de maneira

honesto, enquanto que a construção de Lobato, mostra um ser acomodado e sem pensamento crítico

Ao optarmos por analisar a construção discursiva de João Grilo, nos limitaremos à análise do último ato que compõem a peça, que diz respeito à cena em que as personagens, após a morte, passam pelo julgamento. Nesse viés, pode-se perceber que Suassuna realiza um diálogo com o texto bíblico, ao remeter ao capítulo de *Apocalipse* quando apresenta a cena do julgamento.

A partir do esboço teórico traçados para a construção do presente trabalho pode-se perceber que a AD de matriz francesa não considera o discurso como uma expressão livre do pensamento proferida por um sujeito, mas que ele é fruto de uma exterioridade e que outras forças atuam para a sua formação. (Mussalim, 2012) Desse modo, na construção de um determinado discurso atua a influência do contexto histórico, social e ideológico no qual o sujeito está inserido.

Diante disso, o ambiente em que estão inseridos os personagens durante o último ato da peça tem um papel de grande influência no que diz respeito aos seus comportamentos e discursos. As personagens encontram-se em um local intermediário, onde ocorrerá um julgamento para que seja decidido qual será o destino deles: céu ou inferno.

A princípio, apenas a figura do diabo aparece diante dos personagens como parte acusadora do julgamento. Ao perceber isso, João Grilo o questiona a respeito da presença de uma parte defensora, e utiliza-se da sua astúcia para debater com figura do diabo e consegui-la, conforme o trecho 5 demonstra (Suassuna, 2018, p. 137).

**TRECHO 5: JOÃO GRILO:** *É assim de vez? É só dizer “pra dentro” e vai tudo? Que diabo de tribunal é esse que não tem apelação?*

**ENCOURADO:** *É assim mesmo e não tem para onde fugir!*

**JOÃO GRILO:** *Sai daí, pai da mentira! Sempre ouvi dizer que para se condenar uma pessoa ela tem de ser ouvida.*

De acordo com a análise do discurso de matriz francesa, ao proferir um discurso, o sujeito promove um diálogo desse discurso com a sua memória discursiva, ou seja, com todos os dizeres que já foram ditos (Pêcheux, 1995). Tendo isso em vista, é possível identificar que no trecho acima, o sujeito discursivo João Grilo retoma a sua memória discursiva acerca do ambiente de um tribunal. O personagem utiliza-se dessa memória para debater com o seu

acusador e exigir que no seu julgamento também tenha uma parte defensora.

Inserido em uma formação discursiva religiosa, João ativa a sua memória discursiva acerca da figura do diabo presente no discurso de cunho religioso ao referir-se a ele como sendo “o pai da mentira”. Nesse ponto, pode-se perceber o funcionamento do interdiscurso, uma vez que o SD João Grilo promove um diálogo com o discurso religioso ao resgatar a caracterização da personagem bíblica do diabo, o qual é descrito pela Bíblia Sagrada (1995), livro que rege a fé cristã, como sendo a representação do mal, uma criatura mentirosa, um acusador.

Desse modo, é possível identificar que a fala da personagem realiza uma retomada de dizeres já enunciados anteriormente por outros sujeitos discursivos, inseridos em outras formações discursivas, como a FD religiosa. Seu discurso produzido carrega marcas dos discursos que são produzidos pela comunidade, o meio social em que ele se insere, carregando marcas do social, histórico e ideológico e que são de grande influência na constituição do discurso (Mainguenu, 2015).

Após o apelo feito por João Grilo para que houvesse uma parte defensora em seu julgamento, a figura de Jesus Cristo é, assim, introduzida, sendo intitulado pela personagem *Encourado* de Manuel, o que gera um estranhamento em João, conforme aponta o trecho 6 (Suassuna, 2018, p. 139/140):

**TRECHO 6: JOÃO GRILO:** *Apesar de ser um sertanejo pobre e amarelo, sinto perfeitamente que estou diante de uma grande figura. Não quero faltar com o respeito a uma pessoa tão importante, mas se não me engano aquele sujeito acaba de chamar o senhor de Manuel.*

*MANUEL:* *Foi isso mesmo, João. Esse é um de meus nomes, mas você pode me chamar também de Jesus, de Senhor, de Deus... Ele gosta de me chamar Manuel ou Emanuel, porque pensa que assim pode se persuadir de que sou somente homem. Mas você, se quiser, pode me chamar de Jesus.*

De acordo com o trecho em destaque, pode-se perceber que a personagem João grilo ajusta o seu discurso à presença de um Outro, o qual é entendido por Brandão (2004) como sendo o exterior, ao qual o sujeito discursivo ajusta o seu discurso e se define como sendo a relação entre o “eu” e o “outro (Mussalim, 2012).

Dessa maneira o SD João Grilo adequa a sua enunciação ao seu exterior, compreendido nesse caso como sendo um tribunal, no qual estão inseridas figuras de grande respeito e autoridade, como é o caso de Jesus Cristo. Assim o SD João Grilo, ao proferir seu discurso, adota um tom respeitoso e de submissão, contrariando os estigmas atribuídos à imagem do

homem sertanejo por Lobato, na construção de Jeca Tatu, que o caracterizam como rude, sem modos, incapaz de apresentar sensibilidade.

Desse modo o SD João Grilo, constrói o seu discurso com o tom de profundo respeito, ao reconhecer a sua insignificância ante alguém de tão grande importância, como demonstra o fragmento: *Apesar de ser um sertanejo pobre e amarelo, sinto perfeitamente que estou diante de uma grande figura*. Aqui pode-se identificar o tom de submissão adotado por João, o qual busca ressaltar a sua posição de inferioridade perante a figura de Jesus Cristo. Além disso, a personagem insiste em deixar evidente o seu respeito pelo seu interlocutor (Jesus Cristo), como expresso pelo trecho: *Não quero faltar com o respeito a uma pessoa tão importante*.

Ao longo do texto, o SD João Grilo continua retomando a sua memória discursiva. Um exemplo disso é quando o apelo do personagem para que em seu julgamento tenha uma parte defensora e a figura de Jesus é inserida na peça, conforme é demonstrado no trecho 7 (Suassuna, 2018, p. 140):

**TRECHO 7: JOÃO GRILO:** *Mas, espere, o senhor é que é Jesus?*

**MANUEL:** *Sou.*

**JOÃO GRILO:** *Aquele Jesus a quem chamavam Cristo?*

**JESUS** *A quem chamavam, não, que era Cristo. Sou, por quê?*

**JOÃO GRILO:** *Porque... não é lhe faltando com o respeito não, mas eu pensava que o senhor era muito menos queimado*

Aqui pode-se perceber que João Grilo passa por um estranhamento quando descobre que a pessoa com que ele estava conversando tratava-se de Jesus Cristo. Esse estranhamento se deve ao fato de que o personagem tinha outra visão acerca de como Jesus seria fisicamente e que a sua pele não era negra.

Desse modo, é possível identificar mais uma vez no discurso do SD João Grilo a ativação da memória discursiva e o funcionamento interdiscurso, uma vez que ao conceber a imagem de Jesus como sendo de cor branca, o personagem resgata o discurso proferido pelas pessoas residentes na parte ocidental do mundo, as quais tendem a caracterizar a figura de Jesus com características físicas típicas do mundo ocidental, tal como pele branca, olhos claros e cabelos lisos.

Com o desenrolar da peça e do julgamento, Manuel e Encourado relembram de todos os pecados cometidos pelas personagens que estão sendo julgadas. Pecados os quais são de grande gravidade, como roubar, matar e mentir, dentre outros que eram impassíveis de serem

perdoados. Ao perceberem a gravidade da situação em que sem encontravam e que estavam ficando sem saída, os personagens recorrem a João Grilo.

João Grilo, utiliza-se da sua astúcia para encontrar uma maneira de amenizar a sua situação e a dos demais, buscando auxílio em alguém que segundo ele estava mais próximo deles, Nossa Senhora de Aparecida, figura que marca profundamente a tradição de fé católica do povo nordestino. Trecho 7 (Suassuna, 2018, p. 158 – 160) abaixo.

**TRECHO 8:** *JOÃO GRILO Tudo precisando de João Grilo! Pois vou dar um jeito. ENCOURADO É isso que eu quero ver.*

*MANUEL Com quem você vai se pegar, João? Com algum santo?*

*JOÃO GRILO O senhor não repare não, mas de besta eu só tenho a cara. Meu trunfo é maior do que qualquer santo.*

*MANUEL Quem é?*

*JOÃO GRILO A mãe da justiça.*

*ENCOURADO, rindo Ah, a mãe da justiça! Quem é essa?*

*MANUEL Não ria, porque ela existe.*

*BISPO E quem é?*

*MANUEL A misericórdia.*

*SEVERINO Foi coisa que nunca conheci. Onde mora? E como chamá-la?*

*JOÃO GRILO Ah isso é comigo. Vou fazer um chamado especial, em verso. Garanto que ela vem, querem ver? (Recitando). Valha-me Nossa Senhora, Mãe de Deus de Nazaré! A vaca mansa dá leite, A braba dá quando quer. A mansa dá sossegada, A braba levanta o pé. Já fui barco, fui navio, mas hoje sou escaler. Já fui menino, fui homem, Só me falta ser mulher.*

*ENCOURADO Vá vendo a falta de respeito, viu?*

*JOÃO GRILO Falta de respeito nada, rapaz! Isso é o versinho de Canário Pardo que minha mãe cantava para eu dormir. Isso tem nada de falta de respeito! Já fui barco, fui navio, mas hoje sou escaler. Já fui menino, fui homem, Só me falta ser mulher. Valha-me Nossa Senhora, Mãe de Deus de Nazaré.*

Diante do trecho é possível identificar mais uma vez a atuação da memória discursiva, a qual, de acordo com a análise discursiva de matriz francesa, abriga o interdiscurso, que gera uma correspondência do discurso proferido ao que já foi dito anteriormente (Orlandi, 2012), constituindo assim uma teia discursiva, entre discursos, que são utilizados para estabelecer relações de completude ou de ressignificações.

No caso do trecho 7, o sujeito discursivo João Grilo, reproduz o versinho de *Canário Pardo*, aprendido durante a infância com a sua mãe, para chamar a *Nossa Senhora, Mãe de Deus de Nazaré* e pedir sua intercessão na situação. Desse modo, João retoma a sua memória discursiva para fazer emergir através da sua fala o discurso que outrora foi proferido por sua mãe e que ganha materialidade através da sua fala.

Nesse viés, pode-se perceber que o SD João Grilo não é completamente dono do seu discurso, uma vez que ele não se origina a partir dele, mas é utilizado para estabelecer uma relação de complementação do seu discurso. Essa relação de diálogo que faz com que o discurso da sua mãe emerja no seu, coloca em evidência a influência do interdiscurso na sua constituição enquanto sujeito.

Ao aproximar-se do fim do julgamento, todos os personagens são salvos de irem para o inferno graças à interseção da *Compadecida* junto ao seu filho. A João, porém, Manoel deu a oportunidade que ele retomasse à terra, mas para isso, impôs uma condição. Essa condição consistia em que o personagem conseguisse fazer uma pergunta a Manuel que ele não pudesse responder. Trecho 8 (Suassuna, 2018, p. 175 - 176):

**TRECHO 9:** *JOÃO GRILO Então estou garantido. Eu me lembro de que uma vez, quando Padre João estava me ensinando catecismo, leu um pedaço do Evangelho. Lá se dizia que ninguém sabe o dia e a hora em que o dia do Juízo será, nem homem, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho. Somente o Pai é que sabe. Está escrito lá assim mesmo?*

*MANUEL Está. É no Evangelho de São Marcos, capítulo treze, versículo trinta e dois.*

*JOÃO GRILO Isso é que é conhecer a Bíblia! O Senhor é protestante?*

*MANUEL Sou não, João, sou católico.*

*JOÃO GRILO, Pois, na minha terra, quando a gente vê uma pessoa boa e que entende de Bíblia, vai ver é protestante. Bom, se o senhor não faz objeção, minha pergunta é esta. Em que dia vai acontecer sua segunda ida ao mundo?*

*MANUEL João, isso é um grande mistério. É claro que eu sei, mas ninguém entenderia nada, se eu explicasse. Nem posso explicar nada agora, porque você vai voltar e isso faz parte de minha vida íntima com meu Pai.*

Nesse trecho podemos perceber que João Grilo adequa o seu discurso de acordo com a formação ideológica na qual o personagem encontra-se inserido, realizando assim a adequação da sua fala com aquilo que poderia ser dito. Dessa maneira, estando diante de figuras que sustentam os pilares da fé cristã, João busca encontrar um suporte para a situação em que se

encontrava no livro que rege o cristianismo, a Bíblia Sagrada, indo ao encontro dos preceitos da fé cristã, visto que em um contexto como aquele não faria sentido recorrer a outros livros que não estivessem dentro dos princípios do cristianismo, como o Alcorão, por exemplo.

Para Brandão:

[..] Pêcheux explicita essa ideia afirmando ainda que "as palavras, expressões, proposições mudam de sentido segundo posições sustentadas por aqueles que as empregam o que significa que elas tomam o seu sentido em referenda a estas posições, isto é, em referenda as formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem". E, dessa forma, que introduz, no bojo da sua teoria onde ocupam um papel fundamental, os conceitos de formação ideológica e de formação discursiva (2004, p. 77)

Nota-se se ainda uma comparação entre o catolicismo e o cristianismo estabelecida por João ao questionar se Manoel era protestante, devido a ele apresentar um conhecimento aprofundado do livro bíblico. Aqui pode-se perceber que João parte de uma formação ideológica que tende a entender que as pessoas pertencentes à denominação religiosa protestante apresentam um conhecimento maior do texto bíblico do que os que pertencem ao catolicismo.

Ainda de acordo com o trecho exposto, é possível identificar o fenômeno da heterogeneidade discursiva, uma vez que o SD João Grilo promove um diálogo entre o seu discurso e o discurso bíblico, o qual vem à tona quando o SD João remete a um dos trechos presentes no Evangelho Sagrado.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolver da presente pesquisa foi possível realizar uma análise de duas obras literárias que foram produzidas por autores distintos, que seguem estéticas diferentes: e *urupês*, romance regional paulista de Monteiro Lobato *Auto da Compadecida*, romance regional cearense, de Ariano Suassuna. Nesse tocante, embora não sido possível analisar de maneira profunda cada uma das obras, com o estudo em questão foi possível identificar um traço em comum entre as duas obras: ambas são produções regionalistas que traçam o perfil de um sujeito – um do interior sulista e o outro do interior nordestino, o qual se destacou como ponto principal para esta análise.

A pretensão de analisar a construção dos sujeitos discursivos Jeca Tatu e João Grilo, por meio da utilização da análise do discurso, mostrou pertinente, visto a contribuição do *corpus* para os estudos discursivos. Nesse sentido a utilização de um aporte metodológico descritivo-

interpretativo contribuiu para a obtenção dos resultados apresentados.

Desse modo, com a pesquisa em questão, foi possível identificar os recursos linguísticos mobilizados pelos autores para a construção dos sujeitos discursivos dentro das obras regionalistas em análise. Notou-se que os personagens Jeca Tatu e João Grilo se unem através de pontos de contraste e de paridade, uma vez que se distinguem na maneira como são apresentados e descritos pelos seus criadores, mas ao mesmo tempo estabelecem uma relação de semelhança, visto a marca da memória discursiva na construção dos dois enquanto sujeitos.

No tocante à apresentação das personagens, Lobato adota uma visão mais estereotipada a respeito do homem interiorano ao descrever Jeca Tatu como sujeito sem preguiçoso, que não tem modos, pensamento crítico e educação. Por outro lado, Suassuna buscou representar o sujeito regional através do personagem João Grilo como sendo um homem sofredor, que enfrenta muitas adversidades, mas sempre usa da sua astúcia para encontrar uma forma de resolvê-las, por vezes fazendo uso do “jeitinho brasileiro”.

A partir da pesquisa foi possível perceber a influência da memória da discursiva na construção dos sujeitos Jeca Tatu e João Grilo, os quais a todo momento estão retomando o já dito, o pré-existente para construir os seus discursos. Desse modo, pôde-se notar a atuação do interdiscurso como um elemento fundamental para a constituição dos SD, uma vez que os discursos e representações que eles carregam do mundo são perpassadas por outros discursos, os quais influenciam na sua constituição enquanto sujeitos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CRUZ, Gabriel. **Uma análise da construção da narratividade processual na peça Auto da compadecida, de Ariano Suassuna**. 2021.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994;

DA FONSECA, João José Saraiva. **Apostila de metodologia da pesquisa científica**. João José Saraiva da Fonseca, 2002.

LOBATO, Monteiro. **Urupês e outros contos**. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2019.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial,

p. 61-87, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**; tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, p. 182 – 182, 2008.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, p. 113-165, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

SAGRADA, Bíblia; **BÍBLIA, COMO ESTUDAR A. Bíblia. Antigo testamento**. Flórida: CPAD, 1995.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Editora Cultrix, 2008.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2018.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO ELETRÔNICA  
DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO NA BASE DE DADOS DA  
BIBLIOTECA**

**1. Identificação do material bibliográfico:**

[ ] Monografia [ x ] TCC Artigo

Outro: \_\_\_\_\_

**2. Identificação do Trabalho Científico:**

Curso de Graduação: Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa

Centro: Campus Senador Helvídio Nunes de Barros

Autor(a): Livia Aparecida Pachêco

E-mail (opcional): [liviapacheco984984@gmail.com](mailto:liviapacheco984984@gmail.com)

Orientador (a): Aucelia Viera Ramos

Instituição: Universidade Federal do Piauí - UFPI

Membro da banca: Daniel Costa Dias

Instituição: Universidade Regional do Cariri - URCA

Membro da banca: Ludmila Santos Andrade

Instituição: Universidade Federal do Piauí – UFPI

Membro da banca: Aucelia Vieira Ramos

Instituição: Universidade Federal do Piauí – UFPI

Titulação obtida: licenciada em Letras-Português

Data da defesa: 04/07/2025

Título do trabalho: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO DISCURSIVO  
NAS OBRAS REGIONALISTAS URUPÊS DE MONTEIRO LOBATO E AUTO DA  
COMPADECIDA DE ARIANO SUASSUNA

### 3. Informações de acesso ao documento no formato eletrônico:

Liberação para publicação:

Total: [ x ]

Parcial: [ ]. Em caso de publicação parcial especifique a(s) parte(s) ou o(s) capítulos(s) a serem publicados: \_\_\_\_\_

.....

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Considerando a portaria nº 360, de 18 de maio de 2022 que dispõe em seu Art. 1º sobre a conversão do acervo acadêmico das instituições de educação superior - IES, pertencentes ao sistema federal de ensino, para o meio digital, autorizo a Universidade Federal do Piauí - UFPI, a disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral ou parcial da publicação supracitada, de minha autoria, em meio eletrônico, na base dados da biblioteca, no formato especificado\* para fins de leitura, impressão e/ou *download* pela *internet*, a título de divulgação da produção científica gerada pela UFPI a partir desta data.

Local: São José do Piauí Data: 11 de Julho de 2025

Assinatura do(a) autor(a): Lívia Aparecida Poehne

\* **Texto** (PDF); **imagem** (JPG ou GIF); **som** (WAV, MPEG, MP3); **Vídeo** (AVI, QT).